

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE DO CORPO

DENISE CASTILHOS DE ARAUJO
Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo/RS/Brasil
deniseca@feevale.br
CLAUDIA SCHEMES
Centro Universitário Feevale – Novo Hamburgo/RS/Brasil
claudias@feevale.br

Estado Novo e o controle dos corpos

Os anos 30, no Brasil, evidenciam a política eugenista, devido aos interesses dos grupos conservadores e do próprio governo que, influenciados pelo nazi-fascismo, pretendiam, sob o escudo da unidade nacional, homogeneizar racialmente o povo brasileiro, excluindo todos aqueles considerados indesejáveis, como o negro, o judeu e o japonês. Exaltava-se o tipo germânico, considerado o modelo ideal de homem.

A importância atribuída à questão da raça era tão grande, que foi instituído no calendário nacional brasileiro o “Dia da Raça” (12/10) e a “Parada da Raça” (Semana da Pátria), quando grandes festas eram organizadas em estádios esportivos, com desfiles de escolas, apresentações de ginástica, pirâmides humanas, canto orfeônico, bandas, concursos, que festejavam amplamente a disciplina e a saúde.

O “Dia da Raça” era comemorado através das festas cívico/esportivas, considerando-se fundamental a participação das escolas, das crianças e das mulheres, além dos homens da Escola de Educação Física do Exército, Polícia, Tiros de Guerra, etc.

Por ocasião de uma dessas festas ocorrida no Rio de Janeiro, em outubro de 1939, a Revista de Educação Física publicou: “São milhares de jovens que desfilam garbosos, disciplinados, cheios das maiores esperanças. São milhares de corações irradiando patriotismo e alegria”. Dizia ainda, “Contemplem os nossos leitores os aspectos que ilustram essas páginas, onde moças e rapazes, garbosos, fortes e satisfeitos enchem as ruas da cidade representando o nosso padrão racial”. (Revista de Educação Física, out.1939)

As fotos publicadas, mostrando a Parada da Raça, tentavam incutir a idéia de um regime produtor de jovens bem dotados fisicamente, o que atestaria a presença de uma raça bem constituída. Os estudantes, andando de bicicleta, mostravam-se saudáveis; os jovens da Polícia Especial apresentavam-se de camisetas sem mangas, para mostrar seu físico impecável.

A importância da mulher no aprimoramento da raça era questão fundamental: de nada adiantava apenas o homem ser “saudável” e “garboso”, pois era a mulher a responsável pela geração de “varões”, ou seja, indivíduos saudáveis e eugenicamente compatíveis com aquilo que o governo desejava. Através do exercício físico, ela estaria preparando seu corpo para gerar cidadãos saudáveis que garantiriam o futuro do país.

A ênfase dada à importância do sexo feminino na manutenção da saúde da família e das futuras gerações teve forte inspiração na Alemanha nazista, onde a mulher era considerada a “guardiã da raça ariana”. Ela deveria ficar restrita ao lar, submetida ao marido, jamais deveria participar da política; seu papel não ia além da preparação para a maternidade, a mulher somente se dignificaria pela procriação e pelo ensinamento dos valores fundamentais da nação à família. (LENHARO,1990,p.69,70)

O Brasil era considerado, por intelectuais da época, como Fernando de Azevedo, um país que atravessava um período de “plasticidade e elasticidade”, pois não tinha um tipo racial definido, então o “homem novo” que deveria se formar era “uma argila toda mole e flexível ainda capaz de dobrar-se e adaptar-se sob a pressão física, contra a qual seu passado não lhe fornece suficiente apoio”. (AZEVEDO,1960, p.140) Nesse sentido, a educação física passou a ser utilizada como instrumento para aprimorar a “raça brasileira”, já que esta inexistia.

O povo brasileiro era considerado um povo complexo demais, o que impossibilitava sua unificação sob o ponto de vista antropológico e etnológico. Ascendente de uma raça em formação, era resultado da junção de três grupos raciais antagônicos (negro, índio, branco). Acreditava-se que o Estado Novo representava o período ideal para moldar a futura raça brasileira, sempre com o cuidado para que não vingassem dois tipos raciais opostos que impediriam a unidade nacional. (Bases Científicas da Educação Física, 1944, p.64)

O presidente Getúlio Vargas (1938) levantava essa questão racial em muitos dos seus discursos. Segundo ele, era “inadiável dar pronta solução ao problema do fortalecimento da raça, assegurando o preparo cultural e eugênico das novas gerações”. (VARGAS, 1938, p.55)

Diz ainda,

As comemorações da Pátria e da Raça deverão ser, daqui por diante, uma demonstração inequívoca do nosso esforço pelo levantamento do nível cultural e eugênico da mocidade, fonte de revigoração das energias nacionais e penhor seguro do progresso da Pátria. (VARGAS, 1938, p.56)

Além da festa da raça, o governo brasileiro instituiu o Concurso de Eugenia que era realizado anualmente em São Paulo. E, durante a Semana da Criança, era realizado o Concurso de Robustez Infantil e de Robustez Escolar, onde os aspectos relacionados com a pureza da raça e a idéia da seletividade também ficavam bem claros nesses concursos, como os próprios nomes já indicam.

A busca da pureza racial do homem brasileiro fez com que os profissionais ligados à educação física achassem fundamental a elaboração de um “método nacional de educação física” que reuniria os princípios norteadores de uma campanha nacionalizadora a ser promovida com o objetivo de fortalecer a unidade nacional através da criação de uma mentalidade nacional.

A educação física, responsável pela formação de uma “raça forte” e pela “regeneração da raça”, constituía-se em “instrumento de transformação étnica e social” cuja meta era “dirigir o inventário das forças do indivíduo e de suas taras, de maneira a utilizar a totalidade de umas e neutralizar o efeito de outras”. (AZEVEDO, 1960, p.38)

O governo deveria ter um programa de generalização e de racionalização da ginástica em todo o território nacional, o que seria uma obra de aperfeiçoamento da raça e de confraternização. Nesse sentido, as festas esportivas foram idealizadas para a formação de uma identidade coletiva do povo brasileiro, onde a noção da homogeneização poderia ser desenvolvida. Nessas festas, a idéia da homogeneização da raça se reforçava associada à idéia de desenvolvimento do sentimento nacionalista.

A educação física era considerada questão de “defesa nacional” e “fator educativo indispensável à regeneração das raças e à transformação estética dos indivíduos”. Porém, ao mesmo tempo em que se destacavam as opiniões a favor de uma homogeneidade racial do povo brasileiro, tendo como modelo ideal o tipo ariano, percebe-se que nessa mesma época havia opiniões divergentes, não considerando nociva a miscigenação do povo brasileiro. Alguns autores se destacaram nessa valorização da miscigenação e não a consideravam um fator negativo nem produtor de indivíduos degenerados, como Gilberto Freyre, em sua obra *Casa Grande e Senzala*, de 1933, que não via a miscigenação como um problema e questionava a existência de raças superiores e inferiores. Para esse autor, os três principais grupos responsáveis pela colonização do Brasil - negros, índios e portugueses - influenciaram psicologicamente o povo brasileiro em sua formação.

Por outro lado, Pedro Calmon dizia: “somos, no mundo inteiro, o povo mais necessitado de cultura física, pois não temos coesão étnica, tipo definido, ou antropologia estável; o povo brasileiro é “mais mescla do que uniforme, mais nervoso do que musculoso, mais ágil do que forte”. Para o autor, a raça em formação no Brasil “desconcerta os sábios e seus cálculos,

desorienta as teorias e os seus dogmas, arruina os preconceitos e as suas leis presunçosas.”(CALMON,1938, p.40)

O autor relaciona a questão eugênica com a necessidade de educação física argumentando:

O `melting pot` nacional criou, na heterogênea e variada população brasileira, a energia substancial das gentes rijas. Plástica atlética, corpulência sólida, espírito claro, forma e fibra de heróis. Lapouge e Gobineau recuariam, atônitos, eles, que inventaram o mito da inferioridade das sub-raças de matizes transitórios-diante dessa juventude nortista bronzeada e robusta, do homem do litoral hercúleo e sadio, do nosso meridional que, na cruzada das correntes imigrantistas, não perdeu, na aparência ou na psicologia, nenhum dos traços nobres de sua origem caucásica. Mas não pretendemos confiar aos acasos da educação individual a sorte do Brasil futuro. Aspiramos à fixação das linhas características do homem brasileiro. Queremo-lo rijo, vivaz, resistente e disciplinado. (CALMON, 1938, p.1)

Podemos perceber que havia diversidade de opiniões no que se refere ao “tipo ideal” de homem brasileiro. E, em muitos momentos, as festas cívico-esportivas acabavam incorporando um espaço de “exposição”, ou seja, os homens, as mulheres e as crianças que desfilavam para o líder, saudando a Pátria e seus heróis, eram transformados em atores com papéis previamente definidos e hierarquizados pelo Estado autoritário.

Esses desfiles constituíam-se em demonstrações de corpos saudáveis e sua exemplaridade de “raça selecionada” do regime vinham à tona: desfilavam o jovem e o trabalhador saudáveis, o desportista disciplinado, o modelo de mulher preparada para a maternidade, a criança bem nutrida, entre outros. Podemos dizer, portanto, que esses desfiles assumiam um caráter de “feira de exposições”, onde o Estado divulgava os signos do modelo físico e moral que a sociedade deveria perseguir.

Como na ficção contemporânea de Aldous Huxley (2000), o regime criou modelos para as diversas atividades, modelos clássicos e eficientes para a realização das tarefas racionais e para a manutenção da hierarquia e do Estado controlador da sociedade e do modelo eugênico.

Educação Militar e Educação Física

Nas comemorações cívicas e esportivas, promovidas pelo regime varguista, um elemento que chamava a atenção era a busca da ordem e da disciplina, e o modelo militar certamente orientava a organização desses eventos.

Vargas deixava explícita a importância atribuída ao Exército na questão disciplinar. Considerava o serviço militar um aprendizado indispensável à juventude brasileira.

Pelas suas dependências e alojamentos (quartel) passarão, em cada período de conscrição, numerosos contingentes de jovens, que aprenderão a viver melhor, mais conforme as regras de higiene e aos hábitos salutares da disciplina, aprendendo, ao mesmo tempo, a amar a Pátria e a se considerar, pela vida afora, parcela ativa da sua unidade moral. (VARGAS,1942, p.88)

E completava, “a grande virtude nacional deve ser uma virtude militar a disciplina”. (VARGAS,1938, p.54) Nesse sentido, devemos lembrar que as Forças Armadas tinham um projeto educacional próprio, cuja pedagogia estava centrada na inculca dos princípios de disciplina, obediência, organização, hierarquia, respeito à ordem e às instituições. (SCHWARTZMAN,1984, p.67)

O Exército poderia expressar esses ideais nos desfiles da Semana da Pátria, pois naqueles eventos a organização era total, não havia ninguém fora do alinhamento, a hierarquia era garantida pela ordem da apresentação.

Para Lenharo (1986), essa “proposta de docilização coletiva dos corpos e organização compreensiva da sociedade” identifica-se com a organização militar: “sutilmente vão sendo anunciados desejos de que ao Exército fosse facultada a missão de criar o homem brasileiro, dirigi-lo e governá-lo integralmente”. (LENHARO, 1986, p.80)

Outro aspecto obrigatório a se considerar quando analisamos os eventos esportivos é a prática de educação física que, mesmo não tendo sido iniciada no governo Vargas, passou a ter, naquele momento, maior importância, pois era considerada uma das responsáveis pela melhoria das qualidades físicas e morais do homem.

No Brasil, a Constituição de 1937 tornava obrigatória a prática da fisioterapia em todos os estabelecimentos de ensino.

Dessa forma, a educação física era um instrumento muito útil nessa “domesticação” e “adestramento” das massas pretendida pelo governo varguista, para conseguir seu apoio irrestrito. Deve-se, nesse sentido, destacar que a primeira escola de educação física brasileira foi do Exército, que tem como um de seus pilares ideológicos a disciplina.

Segundo Abgar Renault (1939),

Foi por intermédio do Exército que se instalou a nossa primeira escola de educação física e foi nela que se moldou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, recentemente instalada pelo Ministério da Educação e Saúde, [...] As forças vivas da nação brasileira encontraram, afinal, os instrumentos adequados à sua formação, à sua disciplina e à sua direção para os rumos que conduzem à criação de sólidos valores físicos e morais. (RENAULT, 1939, p.1)

No livro Bases Científicas da Educação Física (sem autor, 1944, p.43), encontramos a referência de que “o fim, em última análise, da educação física deve ser o desenvolvimento e a educação geral do indivíduo através de atividade física sadia e interessante, por intermédio da qual ele alcançará o máximo de sua capacidade física e mental e aprenderá a usar todas as suas qualidades inteligente e cooperativamente como um bom cidadão, mesmo sob o mais violento estado emotivo.”

Lenharo (1986) analisa a questão da moralização pelo exercício físico, afirmando que na década de 30, o governo se dá conta de que só poderá transformar a sociedade passando pela questão do corpo. Surge, então, grande número de revistas especializadas e a atenção de profissionais e instituições volta-se para a questão da saúde, higiene e educação física.

O autor afirma ainda que “se imprime um sentido de consciência social ao aprimoramento físico; a nova higiene do corpo responsabiliza o indivíduo de modo a desenvolver uma consciência de bem-estar coletivo. A participação decorrente das práticas esportivas e a dimensão coletiva aventada impulsionam para a formação de novos “condutores sociais”, aptos para cooperar com a comunidade.” (LENHARO, 1986, p.78)

O apoio dado à educação física e aos esportes em geral por Vargas teve, sem dúvida, seu aspecto positivo. Não podemos, entretanto, deixar de desvincular esse apoio da tentativa de manipulação política. O esporte era um instrumento de fácil repercussão social, já que era amplamente praticado e difundido. Os ídolos desportivos, disciplinados e ordeiros, também serviam de exemplo para a massa.

Qualquer competição esportiva poderia se tornar uma manifestação política de apoio ao regime, como ocorreu em diversas ocasiões da história brasileira. Era mais fácil chamar a atenção da massa com um apelo popular como o esporte do que chamá-la para uma manifestação política de apoio ao regime. A propaganda varguista levava em conta esse aspecto, o que explica o interesse pelos mecanismos de controle do corpo.

No Brasil, a educação física era baseada nos ideais militares, e os eventos festivo-esportivos daí decorrentes, mostravam a preocupação do regime em controlar o corpo e a mente dos cidadãos, pois entendia-se que o aperfeiçoamento das qualidades físicas e morais dos cidadãos transformaria a sociedade.

Considerações finais

No regime varguista, as comemorações cívico-esportivas eram promovidas com vistas a organizações do espetáculo da sociedade coletiva, através das quais se pretendia mobilizar e doutrinar as massas. Esses eventos foram os grandes responsáveis pela construção das imagens do varguismo como expressões mais acabadas da sociedade feliz. Alegria, euforia, harmonia se associavam às noções de homogeneidade, passividade, integração, componentes básicos da concepção de totalidade predominante nesse período.

O disciplinamento do corpo e da mente do cidadão, bem como o controle social, visavam ao apoio irrestrito ao regime, o que explica o grande investimento na propaganda; mas a propaganda não era onipotente: havia resistências das mais variadas formas à repressão que se ocultava na euforia das comemorações e na imagem da sociedade feliz e harmônica. A realidade teatralizada podia ser mascarada, mas a sociedade era complexa e permeada por conflitos, e a história não deixava de atuar sob a máscara da harmonia e unidade.

O conformismo se reforçava com a educação física e cívica que, escudadas no discurso da saúde, da higiene e da formação de uma raça ideal brasileira, excluía todo e qualquer cidadão que não se enquadrava nos ideais propostos pelo regime. E, foi valendo-se dessa força, que o governo Vargas pode ampliar a ideia de eugenia e, ao mesmo tempo, esculpir os corpos dos jovens, a fim de alcançar a desejada forma física.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1960.

BASES Científicas da Educação Física. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944.

CALMON, Pedro. Uma política de cultura. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro, n.40, jul.1938

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2000.

LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. Campinas, Papyrus/Unicamp, 1986.

RENAULT, Abgar. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro, n.46, out.1939

SCHWARTZMAN, Simon et alii. *Tempos de Capanema*. RJ/SP, Paz e Terra/EDUSP, 1984.

VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. RJ, José Olympio, 1938.

_____. *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*. RJ, José Olympio, 1942.